

## **As sete quedas das exportações: o que a história nos ensina?**

É consenso entre os economista que moeda desvalorizada incentiva as exportações e que moeda forte inibe as vendas externas. A própria experiência do Brasil nos mostra esta relação. Porém, de 31 maio de 2004 a 9 de junho de 2005 o Real se valorizou 20% frente ao dólar. As exportações, no entanto continuam a registrar volumes recordes. O que estaria acontecendo?

Para entender o movimento das exportações, fizemos um levantamento de janeiro de 1977 até os dias de hoje, identificando sete movimentos de queda do volume exportado acumulado em 12 meses.

A grande força motriz das exportações, seja nos períodos de crescimento, seja nos períodos de redução são os produtos manufaturados. Com uma rara exceção num universo de 15 períodos analisados, os manufaturados foram os que mais contribuíram para o aumento e para a queda das exportações.

O mecanismo de relação entre a valorização do câmbio e queda nas vendas externas de produtos manufaturados é mais complexo do que se pode imaginar à primeira vista, pois existe um espaço de tempo entre a valorização do câmbio e o efetivo impacto na volume exportado. Isto porque, em primeiro lugar, os contratos de exportação são definidos com antecedência de 6 meses a um ano. Além disso, a valorização do câmbio inicialmente provoca um aumento no preço dos produtos exportados, pois os parte dos produtores nacionais conseguem renegociar os contratos para recompor as margens perdidas pela valorização cambial ou descontinuem os embarques de produtos mais baratos, com menor margem.

No princípio, o efeito sobre a receita total das exportações é positivo: tem-se os preços subindo e a quantidade caindo, mas o resultado final é positivo, pois a queda de volume é compensada pelo aumento de preços. Com o passar do tempo, os compradores do mercado internacional acabam encontrando produtores em outros países que não tiveram a mesma valorização cambial e que portanto podem oferecer produto similar a preço mais baixo.

O espaço de tempo entre a valorização e a queda das exportações será maior quando a economia mundial estiver crescendo mais, pois os importadores poderão repassar o aumento para seus clientes. Mas se o aumento do preço foi causado por valorização do câmbio, sempre vai existir um produtor em um país que não está vivendo a mesma valorização cambial. No caso atual, de maio de 2004 a maio de 2005 o Real experimentou valorização de mais de 20,91% frente ao dólar norte-americano, enquanto uma cesta de 16 países apresentou valorização média de apenas 7,64%, este diferencial de câmbio implicará um aumento de competitividade de produtores de outros países.

Assim, com o passar do tempo a redução da quantidade exportada se agrava e passa se sobrepor sobre o aumento do preço, de forma a implicar em redução da receita de exportação.

Desde 1977, a economia brasileira experimentou sete períodos de redução das exportações totais, em dezembro de 1981, dezembro de 1984, em agosto de 1986, em julho de 1989, em abril de 1991, em junho de 1998 e novembro de 2002.

Em seis destes períodos tivemos redução da venda de produtos manufaturados. Em cinco destes pode-se identificar que antes da queda do volume exportado tivemos um aumento do preço de exportação.

De janeiro de 2004 a abril de 2005 os preços de nossas exportações cresceram 16%, quando a inflação no atacado nos EUA (comumente utilizada como estimativa de inflação mundial) foi da ordem de 3%. Em compensação, o indicador de quantum por dia útil ajustado sazonalmente apresenta diminuição por três meses consecutivos, fevereiro a abril de 2005. Como vimos, esta confluência de preço e quantum causou queda dos manufaturados em 5 dos casos analisados, o que nos indica um alerta para um possível recuo das exportações em curto espaço de tempo.

Novamente analisando os seis períodos de queda das exportações de manufaturados vê-se que, nos meses que antecedem a queda, o volume físico ou quantum exportado recua. A redução do indicador de quantum ajustado sazonalmente pode estar funcionando como um sinal amarelo, de alerta ao possível início deste processo.

Para agravar ainda mais a situação dos produtos manufaturados temos o fato dos principais mercados destes produtos estarem localizado na região do dólar, isto é, EUA, Aladi e Mercosul respondem por 60% das compras de manufaturados brasileiros. Nestes mercados a valorização do real foi a maior, se comparamos a situação de 1999 e 2004 teremos que o Real se valorizou 48% frente 28% contra a zona do Euro, para onde se destinam menos de 20% de nossa exportações de manufaturados.

Podemos analisar um outro exemplo interessante de valorização cambial e aumento dos preços das exportações: o período de 1994 a 1998. Neste intervalo, a valorização do câmbio e o aumento dos preços dos produtos exportados foram bastante fortes, no entanto receita total de exportação acumulada em 12 meses levou quase quatro anos para recuar. Neste ponto cabe ressaltar que é muito prejudicial à nossa economia fato de mantermos o patamar das exportações enquanto nossas competidores aumentam as suas, em termos empresariais isto é perda e fatia de mercado. De fato, de 1994 a 1998 saímos de um fatia de 1% das exportações mundiais e chegamos a 0,9%, enquanto isso a China passou de 2,8% para 3,4%, ou seja aumento 0,6 pontos.

As idas e vindas na gestão cambial estão impondo um forte custo para o setor produtivo e para a sociedade em geral. Basta lembrar que na média de 1980 a 1984 Brasil, Coréia e China exportavam anualmente US\$ 22 bilhões, em 1995 as exportações passaram a ser respectivamente US\$ 47 bilhões, US\$ 125 bilhões e US\$ 249 bilhões e em 2004 tivemos US\$ 97 bilhões, US\$ 253 bilhões e US\$ 581 bilhões. No período de 1980 a 2004 as taxas médias anuais de crescimento das exportações foram 6,8% para o Brasil, 11,55 para a Coréia e 16% para a China.

Nos anos 80, quando exportávamos volumes semelhantes aos asiáticos, crescíamos a taxas semelhantes à da Coréia. À medida em que sucessivos idas e vindas cambiais seguraram o crescimento de nossas exportações, deixamos de crescer também. Basta lembrar que em 1975 o PIB per capita medido em paridade de poder de compra (artifício econômico para corrigir diferenças de custo de vida entre os países) representava 150% do indicador coreano. Em 2001 o coreano representava mais de 200% do nosso.